

REFLEXÕES SOBRE O EMPREENDEDORISMO NOS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Ricardo Gaz, DSc

Resumo

Este artigo objetiva integrar o empreendedorismo na Educação. Para tanto, apresenta reflexões sobre o empreendedorismo e o conhecimento como partes fundamentais no processo de ensino-aprendizagem, seja na educação formal, seja na educação informal. A abordagem desse artigo é qualitativa, uma pesquisa descritiva e bibliográfica é realizada de modo a verificar se há interligação entre os diferentes campos do conhecimento: educação e empreendedorismo. É criado um modelo denominado ECE – Empreendedorismo, Conhecimento e Educação, consubstanciando a necessidade da integração entre esses três componentes para mostrar a relevância do empreendedorismo e conhecimentos respectivos em quaisquer processos de ensino-aprendizagem. É feita uma análise desses componentes e são produzidas mais três definições gerando um modelo mais abrangente: EECCEE com vistas a um processo de espiritualização do ser humano – profissional.

Palavras-chave: Empreendedorismo, organizações aprendizes, educação, empreendedores, processo de ensino-aprendizagem.

Abstract:

This article aims to produce thoughts on entrepreneurship in education. It covers entrepreneurship qualitatively, their concepts and the possibility of a positive impact on the teaching-learning process is in formal education, whether in informal education. Although a fledgling and indirect way, seeks to bring a reflective light to the possibility to implement this training for training officers and unofficial courses in the training of entrepreneurs by harnessing the knowledge of a broadly, without necessarily bind to a specialization, and specific training course. Moreover, is not confined to any specific method, school or educational context-specific approaches for the entrepreneurial culture in the teaching-learning process. Is created a model named EKE - Entrepreneurship, Knowledge and Education, underscoring the need for integration between them and to show the importance of entrepreneurship and their knowledge in any teaching-learning processes. In the end, is made a global inference by assigning a characteristic for each of the three model parameters, the linking and pointing to a highest qualification called as spiritualization of human beings - professional.

Keywords: *Entrepreneurship, education, learning organizations, entrepreneurs, teaching-learning process.*

1.0 INTRODUÇÃO

As novas organizações do atual século, escolas, ambientes educacionais, empresas, clubes associações, templos, etc., tenderão a se tornar organizações aprendizes de conhecimento (RODRIGUEZ, 2007). Conforme preconiza Garvin:

“A organização que aprende é a que dispõe de habilidades para criar, adquirir e transferir conhecimento, e é capaz de modificar seu comportamento, de modo a refletir os novos conhecimentos e ideias” (GARVIN, 2001, p.54).

É importante ressaltar que o conhecimento não é adquirido exclusivamente pelo processo formal educacional nem tampouco resulta de uma metodologia avaliativa numérica específica que também pretenda modelar o desempenho de uma pessoa ou de uma organização aprendiz do conhecimento.

Este conhecimento é natural e potencialmente existente em todo ser humano - ele é eclético, multidisciplinar, sem linearidade na absorção e sem ter que estar associado a qualquer titularidade ou mecanismo regulador de notas, embora já se tenham mapeamentos do conhecimento como recursos de capacitação em nível organizacional (CARDOSO; MORETO; SILVA, 2001).

Neste sentido, pode parecer engraçado, talvez irônico, ou ainda, indo contra a maré da maioria das práticas organizacionais e educacionais, mas o fim ou redução de notas avaliativas ou de se ter um medidor de desempenho para mostrar o aprendizado, tende a ser inútil já que indicadores sejam eles qualitativos, sejam quantitativos, são apenas indicadores, nunca abarcando por completo a realidade existente nem tampouco servindo para melhorar o aprendizado.

Albert Einstein é um exemplo clássico. Ele foi reprovado três vezes ao tentar ingressar na universidade. Ainda apresentou seu primeiro trabalho aos professores universitários e que talvez muitos até os dias atuais ainda estejam estudando suas teorias, princípios e proposições sem terem conseguido esgotar esse conhecimento.

Este artigo pretende trafegar, onde o conhecimento pode ser construído por variadas formas e se entrelaçar além de pertencer às duas áreas fundamentais: educação e empreendedorismo.

É importante ressaltar que o artigo visa contribuir por meio das reflexões sobre o ensino do empreendedorismo na educação, mas principalmente, contribuir na aplicação de um empreendedorismo no próprio modo de ensinar – e não apenas apresentar o conteúdo e conhecimento do empreendedorismo em si mesmo.

2.0 OBJETIVOS

O objetivo principal desse artigo é integrar o empreendedorismo, um instrumento de alavancagem do conhecimento, no processo de ensino-aprendizagem. Este empreendedorismo pode ir além de uma proposição técnica ou mesmo reducionista sobre a criação de uma empresa ou de uma inovação tecnológica. Neste sentido, este artigo propõe fazer reflexões sobre o empreendedorismo no processo de ensino-aprendizagem como rompedor de paradigmas do conhecimento, não vinculando este conhecimento especificamente à titulação, formação, metodologia específica pedagógica e/ou instituição educacional.

O objetivo específico é apontar a integração: empreendedorismo e educação, como alicerces fundamentais na construção e refinamento do ser humano através do processo de ensino-aprendizagem, formal ou informalmente.

3.0 METODOLOGIA

Segundo classificação metodológica de Vergara (2004) a pesquisa quanto aos fins é bibliográfica e descritiva. É bibliográfica pela relevância de uma fundamentação teórico-metodológica do estudo, pesquisando-se assuntos tais como: gestão do conhecimento, epistemologia, gestão das organizações, gestão da qualidade, tecnologia da informação, psicologia, educação e empreendedorismo.

De acordo com Gil (2009), as pesquisas descritivas têm como objetivo precípua a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. Além disso, a partir do objetivo proposto por este

artigo, a abordagem qualitativa é considerada a mais adequada para a pesquisa – pois, conforme ensina Creswel (2007), a pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa. Assim, o propósito desse artigo é estar abalizado por características metodológicas utilizadas para desenvolvimento e estabelecimento, também conforme modelo proposto por Gil (2009), que se refere à pesquisa como um conjunto de ações que visa encontrar solução para um problema proposto, utilizando procedimentos científicos.

4.0 HIPÓTESE

Indiscutivelmente, as organizações em termos mercadológicos têm por finalidade precípua o lucro financeiro. Em uma instituição educacional, apesar de ter também uma natural necessidade de autossustentância, a essência do seu objetivo está, ou deveria estar, permeada pela edificação do ser humano em suas dimensões éticas – por exemplo, formação e refino do caráter; sociais – por exemplo, consciência cidadã, de responsabilidade social e de sustentabilidade; psicológicas e afetivas – por exemplo, estruturação do ego, autoconhecimento e capacidade de lidar com situações adversas; técnicas e cognitivas – por exemplo, aprendizagem, conhecimento e crescimento relacionados a uma atividade profissional para fins de mercado.

Ao cruzar as duas questões, lucro financeiro e formação da pessoa, pode-se incorrer em um conflito e dilema gerando um problema sem solução e sem fim, já que lucro financeiro impele ao ser humano um aspecto competitivo para sua sobrevivência e sustentação

material enquanto que a formação moral, afetiva, psíquica de todo o ser humano torna-se missão e objetivo dos ambientes e processos de educação formal e informal. Dessa forma, este artigo tem por proposição a seguinte questão e alternativa de solução: o conhecimento, a educação e o empreendedorismo servem de bases para a construção de um ser humano sadio e triunfante sem ser destrutivo e autodestrutivo, e também gerando e multiplicando em níveis coletivos uma sociedade melhor.

A hipótese que abaliza esta proposição é a seguinte: o empreendedorismo pode se tornar um valor agregado para as organizações se bem empregado no processo da educação, gerando melhores pessoas – competentes tecnicamente e excelentes humanamente (GAZ, 1998), e melhores organizações/sociedades – lucrativas e não lucrativas.

5.0 JUSTIFICATIVA

Os dilemas: Competitividade x Cooperação e Lucratividade x Espiritualidade, envolvem essencialmente a vida, o conhecimento humano sobre a vida e de como vivê-la. Neste sentido, em observação natural nos países e nas tendências mundiais tanto em níveis corporativos quanto em níveis de pessoas, depreende-se que a luta pela sobrevivência, os conflitos por fins materiais de sustentação e prazer – posses, ganhos, hobbies, poderes, e a destruição de vida ainda são paradigmas reinantes. Para tanto, a conscientização sobre

tudo isso, com a verdadeira intenção de mudar para melhor e poder realmente transformar uma sociedade viciada e destrutiva por si mesma em aspectos sãos, construtivos e positivos, perpassa pelo único e exclusivo fator humano: o conhecimento.

Embora a delimitação desse artigo fique circunscrita à importância do ensino e prática em empreendedorismo nos processos da educação, e o conhecimento como um desses fatores primordiais, é possível entendê-los nos mais diferentes contextos, ambientes e organizações. Mas que conhecimento é esse e como empregá-lo em favor das pessoas, da vida e da vida das organizações?

6. O CONHECIMENTO

Há a teoria do conhecimento (HESSEN, 1999), o pensamento epistemológico (POPPER, 1965), mas sem refutação, independente da teoria, epistemologias e suas abordagens, o empreendedor e o empreendedorismo sem conhecimento inexistem (DORNELAS, 2005). Conforme já preconizava Deming: “Nada substitui o conhecimento” (DEMING, 1995, p.XXI).

Na ótica da Ciência da Informação, informação é a conexão entre dados e o conhecimento a combinação de pelo menos duas informações. Em termos de Engenharia de Software, informação é, por exemplo, um dado estruturado servindo para alguma ferramenta computacional. Mais ainda, dados são sinais que não foram processados, correlacionados, integrados, avaliados ou interpretados de qualquer forma, ou seja, é o insumo a ser utilizado na geração da informação. A informação consiste dos dados

processados para serem exibidos em forma inteligível às pessoas que vão utilizá-los. O conhecimento é definido como informações que foram analisadas e avaliadas quanto à sua confiabilidade e sua relevância - o conhecimento não é estático, modificando-se mediante interação também com o ambiente (CARVALHO; TAVARES, 2001; GAZ, 2002; PRESSMAN, 2006; URDANETA, 1992).

Em termos de Administração, informação e sua gestão são atualmente a essência de uma gestão triunfante. Ou ainda, a gestão do conhecimento é uma forma de sabedoria organizacional, tornando-se o recurso inesgotável de uma organização (GAZ, 2001). Similarmente, gerir a ignorância é gerar conhecimento, mas será preciso geri-lo também, isto é, planejar a gestão do conhecimento (FANDIÑO, 2000). Realmente, a geração e a gestão do conhecimento são os elementos que constituem ou constroem o sucesso (PROBST; RAUB; RAMHARDT, 2002).

Dessa forma, todas as empresas, instituições, associações, que desejam triunfar mediante a adequada utilização e gestão do conhecimento, com tecnologia, pessoas e infraestrutura, por exemplo, passam a ser consideradas como Organizações do Conhecimento. (ANGELONI, 2002). Nesse sentido, a tecnologia da informação também se torna fator crítico, isto é, se não forem bem utilizadas e praticadas: a informação, a tecnologia e sua gestão (TURBAN; RAINER; POTTER, 2003).

Baseando-se nessas partes introdutórias e a partir do referencial teórico citado, depreende-se a amplitude e plasticidade existente de conceitos para informação. Neste sentido, sabe-se que será preciso gerenciar o conhecimento individual e coletivo para que haja um

aprendizado em nível organizacional (RODRIGUEZ, 2001). Todavia, é importante ressaltar que ainda assim não se esgotam as questões teóricas sobre a informação e sua gestão, muito menos de ordem prática, já que o contexto moderno mercadológico é progressivamente complexo, incerto e caótico. Neste contexto, entra no cenário, para dirimir e solucionar problemas tanto no aspecto teórico quanto no prático, o ato-conceito de inovar e empreender, continuamente. Para tanto, tem que haver o sujeito empreendedor – Ser Empreendedor, pois é com ele que tudo ocorre, a origem de tudo.

Em outras palavras, é preciso se ter o empreendedor como fundamentos de mudanças – para melhor, de iniciativas e ações pró-ativas na organização, para inovar e empreender (DEGEN, 1989). Embora não haja ainda um consenso e um termo universal – não dicionarizado inclusive na língua portuguesa, sobre “empreender”, serão feitos alguns flashes sobre noções-conceitos-definições e autores que discorrem sobre ser empreendedor, empreendedorismo e atitude empreendedora, servindo para melhores práticas e culturas intrainter-profissionais e intrainter-organizacionais: a edificação da cultura e gestão empreendedora (SALIM, 2004).

Em seguida, são apresentadas definições sobre o ser empreendedor com uma discussão teórica abordando essa questão.

7. SER EMPREENDEDOR

O termo empreendedor é utilizado para definir o ser humano que realiza, inova, assume riscos calculados, tem iniciativa para criar um novo empreendimento, tem paixão pelo que faz, sabe diferenciar uma ideia de uma oportunidade e gera riqueza. Segundo Filion (1991

apud DOLABELA, 1999), um empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões. O manual *Aprender a Empreender*, editado pelo SEBRAE, diz que empreendedor é a pessoa que deseja realizar, executar; deixar sua marca e fazer a diferença. Dornelas (2005) preconiza que empreendedor é aquele que faz as coisas acontecerem, se antecipam aos fatos e tem uma visão futura da organização. Dessa forma, o empreendedor é aquele que detecta uma oportunidade e cria um negócio para capitalizar sobre ela, assumindo riscos calculados.

Constantemente estamos diante de oportunidades, mas somente os seres humanos que desenvolvem a capacidade empreendedora são capazes de identificar tais oportunidades. E mais, os empreendedores são aqueles que distinguem ideias de oportunidades e transformam tudo em empreendimentos e que não visam necessariamente o lucro exclusivamente financeiro. Eles são capazes de identificar as oportunidades e agarrá-las, buscando os recursos necessários para transformá-las em negócio; sempre em bons negócios e/ou bons eventos/momentos.

Em regra, os economistas associam o empreendedor à inovação, enquanto que os comportamentalistas dão ênfase à criatividade e à intuição (DUTRA; PREVIDELLI, 2003). Os estudos principiaram com os economistas Richard Cantillon e Jean-Baptiste Say (DOLABELA, 1999), que se dedicaram à criação de novas empresas e seu gerenciamento. Cantillon foi o primeiro teórico a definir as funções do empreendedor.

Para Cantillon, o empreendedor estava associado aquele ser humano que comprava matérias-primas e as vendia para terceiros, após processá-las (DOLABELA, 1999). Jean-Baptiste Say associou o empreendedor ao ser humano que inova e é um agente de mudanças, considerando o desenvolvimento econômico, como consequência da criação de novos empreendimentos. Contudo, o economista Joseph Schumpeter foi considerado o teórico que deu projeção ao tema, associando o empreendedor à inovação, ao desenvolvimento econômico e aquele que assume riscos (DOLABELA, 1999). Schumpeter (1949 apud DORNELAS; 2005) diz que o empreendedor é aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais. Observa-se, nas definições apresentadas, que o empreendedor está associado àquele ser humano que inova, mas considera-se que é possível inovar a partir de coisas já existentes. (DORNELAS, 2005).

Há uma segunda corrente, a dos comportamentalistas que dominou o campo do empreendedorismo dos anos 1960 até a década de 1980 e se desenvolveu a partir dos estudos de David McClelland enfatizando a criatividade e a intuição. (DOLABELA, 1999; DUTRA; PREVIDELLI, 2003). No início da década de 1960, o teórico David McClelland (1961 apud DUTRA; PREVIDELLI 2003) apresentou sua pesquisa em que foi possível identificar características empreendedoras. Em síntese, o empreendedor seria alguém que controla uma produção não somente para si, mas para os outros. Mesmo não tendo criado um negócio, pode ter perfil empreendedor, porque corre riscos, tem elevada necessidade de realização social e motivação para despender energia no que faz. Integrando conhecimentos

de David McClelland (1961) e sobre o ser empreendedor, pode-se perceber que seu fator mais relevante para um ser humano empreender é a necessidade de autorrealização, uma necessidade essencial e ao mesmo tempo refinada (YOGANANDA, 2012; MASLOW, 2000).

O empreendedor sempre desenvolveu um papel essencial na sociedade por estar associado a algum desenvolvimento. Entretanto, no contexto atual, sua importância recai sobre as grandes transformações tecnológicas, econômicas, entre outros. Dornelas (2005) afirma que são os empreendedores os responsáveis pela geração de novos empregos e novas relações de trabalho, de riqueza para a sociedade, pela quebra de paradigmas e renovação dos conceitos econômicos; e pela eliminação de barreiras comerciais e culturais. O empreendedor também se caracteriza por criar ou adquirir uma empresa, introduzir inovações assumindo riscos, e mantendo-a no mercado. O profissional de uma empresa que introduz inovações que resultarão em valores adicionais é considerado um intraempreendedor ou empreendedor interno. Porém, aquele ser humano que compra uma empresa e somente a gerencia não é considerado um empreendedor.

Dolabela (1999) considera que o empreendedor pode ser das áreas de negócios, pesquisa e ensino. Assim, o empreendedor é aquele ser humano que transforma a sua visão em ação, está atento às oportunidades e sabe identificá-las, assumindo riscos. O empreendedor, além de saber gerir o seu negócio ou empreendimento detém habilidades interpessoais e técnicas para conseguir sucesso no seu

empreendimento. Mas como fazer as pessoas se tornarem empreendedoras? O próximo item desenvolve uma discussão teórica a respeito de modo a conduzir novas questões necessárias do empreendedorismo ao processo de ensino-aprendizagem.

8. O EMPREENDEDORISMO E O ENSINO

É possível ensinar outros a serem empreendedores? Aqui se inicia a etapa que entrelaça informação e ser empreendedor com o processo de ensino-aprendizagem. Neste contexto, Dornelas (2005) observa que, até alguns anos atrás, se acreditava que o empreendedor era algo inato.

Mas, para este artigo, abalizado por esses teóricos, parte-se do pressuposto de que o processo empreendedor pode ser ensinado e entendido por qualquer pessoa, embora haja algumas características necessárias. Conforme preconiza Ângelo (2003), para ser empreendedor é necessário que se tenha algumas características tais como: necessidade de realizar; atração pelo desafio; capacidade de liderança; persistência e paixão pelo que faz.

Portanto, o processo empreendedor envolve a criação de algo novo, de valor; comprometimento de tempo e dedicação para que o empreendimento cresça; e que riscos calculados sejam assumidos e decisões críticas tomadas.

Em se observando as características ou as potencializando nas pessoas, compreende-se que o processo empreendedor possa ser ensinado a qualquer ser humano. Todavia, o sucesso do negócio, evento ou planejamento feito, será consequência de diversos fatores

que nem sempre podem ser abarcados em um processo de ensino-aprendizagem formal. Segundo GAZ (2002), a Era da Luz, diretamente associada ao empreendedorismo, conhecimento e educação, é um conjunto de fatores que abrange o conhecimento independente de sua origem, formação e/ou educação formal. Neste contexto, Dornelas (2005) afirma que os cursos sobre empreendedorismo devem ter como foco: Identificação e entendimento das habilidades do empreendedor; Identificação e análise de oportunidades; Como ocorre a inovação e o processo empreendedor; Importância do empreendedorismo para o desenvolvimento; Como preparar e utilizar um plano de negócios; Como identificar fontes e obter financiamento para o novo negócio; Como gerir e fazer a empresa crescer.

No contexto nacional, Dolabela (2002) considera que os valores do ensino brasileiro não propiciam o empreendedorismo, estando voltados para a formação de profissionais que buscarão emprego no mercado de trabalho. Outra crítica apresentada é quanto ao enfoque que é dado em alguns cursos, voltados quase exclusivamente para a gestão de grandes empresas.

Por outro lado, ter como disciplina o empreendedorismo, como parte da grade curricular de todos os cursos desde o ensino do 1º grau até na graduação, extensões, politécnicos e pós-graduação¹ pode ser um meio concreto de se ensinar, promover e gerar

¹ O Brasil, apesar de ser um país considerado empreendedor, com potenciais empreendedores, não há curso oficial de modo generalizado em formação de empreendedores.

empreendedores. A inclusão dessa disciplina no currículo dos cursos pode elevar o padrão de formação e, portanto, tornar relevante o seu estudo.

Além disso, embora o aluno não expresse o desejo de ter seu negócio próprio, ser um empreendedor “oficial”, as organizações aprendizes do conhecimento e do conhecimento – as triunfantes, atualmente desejam admitir profissionais com esse perfil, com a capacidade e inteligência empreendedora. É importante observar que aspectos relacionados aos valores humanos também devam estar associados para que não haja distorções e más aplicações de um conceito que outrora estava vinculada ao perfil capitalista ou de apenas que detinha um poder financeiro, outro ponto que deve ser bem gerenciado para não se recair no paradigma conflituoso: competitividade x cooperação. Portanto, em seguida, é definido um modelo descritivo qualitativo gráfico de forma a ajudar no livramento do conflito e dilema acima mencionado.

9. O MODELO ECE

O Modelo ECE - Empreendedorismo, Conhecimento e Educação, caracteriza a necessidade do emprego sadio, positivo e construtivo das ações e objetivos fundamentais de qualquer ser humano na vida tais como: vencer social e materialmente – uma característica

vinculada ao empreendedorismo²; crescer afetiva³ e cognitivamente – uma característica do conhecimento; e amadurecer psicológica e ontologicamente – uma característica educacional. Neste contexto, são definidos em seguida cada um dos três componentes do ECE:

- Componente 1: Empreendedorismo.

É o primeiro componente do ECE. Ele relaciona-se a tudo que diz respeito ao empreendedorismo. Isto é, abarca a inovação, criatividade, intuição, espírito empreendedor, concretização das ideias, consecução dos ideais, implantação de um projeto. Ele é o fruto da criação pura e genuína, gerador de contextos, ambientes, processos e atividades empreendedoras (DRUCKER, 2005; HISRICH; PETERS, 2004; TIMMONS, 2006).

- Componente 2: Conhecimento.

² Esta classificação não é estanque, são intercambiáveis. O conceito de empreendedorismo social, por exemplo, vincula-se a vitória no campo social, mais do que a vitória no campo material, financeiro.

³ A literatura está permeada pelo conceito de inteligências múltiplas (GARDNER, 1983, 1999) e de inteligência emocional (GOLEMAN, 2001), pelo qual acabam por pertencer nessa classificação apresentada ao crescimento no campo afetivo e no campo do conhecimento como um todo.

Este segundo componente diz respeito a tudo que se relaciona ao conhecimento sem que necessariamente esteja contextualizado, aplicado e conhecido. Pode ser um conhecimento em potencial que aguarda para ser externalizado, por exemplo. Este conhecimento também se relaciona ao saber, isto é, ao ato de vivenciar e conhecer, de modo que pode também ser atrelada a ele a experiência que uma pessoa experimenta e aprende com ela (GAZ, 2001). Mais ainda, assim como há ferramentas para ajudar na gestão do conhecimento em organizações (TIWANA, 2000), o autogerenciamento desse conhecimento torna-se fator primordial também.

- Componente 3: Educação.

Este terceiro componente diz respeito ao processo de educar o ser humano. Está atrelada ao comportamento, a estruturação da psique, geração da maturidade e do processo ético da individuação (JUNG, 1966; VON FRANZ, 1964), mormente da formação, habilitação e reabilitação de todo ser humano como uma entidade psicobiosocioespíritual no contexto da sociedade humana (ENGEL, 1977; GIRARD, 2007; SABELLI, 1989; SCHREUS, 2004). Nessa ótica, os três componentes: Empreendedorismo, Conhecimento e Educação, são ilustrados a seguir em uma forma gráfica:

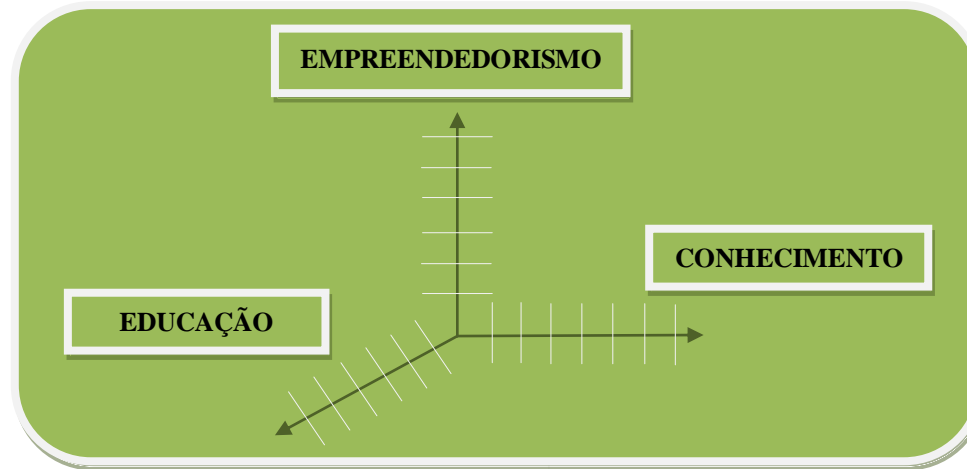


Figura 1 – Modelo ECE.

É possível se construir uma graduação numérica, criando-se três indicadores interligados. Isto é, baseado em fatos e dados, tabular em cada um dos três componentes vetores com valores numéricos em um intervalo de tempo considerável. No entanto, o artigo presente não tem como foco precípua essa quantificação, mas apenas mostrar a necessidade de integrar esses componentes, dando ênfase ao empreendedorismo em um contexto educacional, seja no processo de ensino-aprendizagem formal, seja no informal.

10. CONTEXTUALIZAÇÃO NACIONAL

No Brasil, há cursos sobre empreendedorismo em algumas escolas de negócios, gestão e marketing. O programa e a carga horária dos cursos variam e são voltados para as pessoas que pretendem abrir o seu negócio, mas servem, também, para aqueles que desejam criar

novos negócios na organização em que trabalham (GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR, 2004). Nesses cursos o aluno deve aprender a trabalhar em equipe, ser dinâmico, não esperar o professor instruir e sim pesquisar de antemão facilitando a construção do conhecimento, buscar uma visão holística do empreendedorismo para depois simularem empreendedorismo. Assim, conceitos gerais do empreendedorismo devem ser estudados, e as diversas aplicações aprendidas, de modo que se possa entender e vivenciar de alguma forma as práticas empreendedoras.

Todavia, há críticas e limitações mencionadas sobre o ensino do empreendedorismo, mas entende-se que é indicado este ensino já que a contribuição na formação de melhores empreendedores ou pelo menos de melhores profissionais e pessoas e que se entenda o que é ser empreendedor e o que é empreendedorismo – social, cultural, com fins lucrativos etc. tornam-se críticos para todos os viventes. Neste sentido, vale ressaltar que existem manuais sobre empreendedorismo, técnicas sobre gerenciar organizações, modelos sobre formulação e aplicação de estratégias e de plano de negócios para se alcançar sucesso nas organizações (BERDINARDI, 2003; BERNARDES; MARCONDES, 2003; SALIM, 2005).

Este processo do ensino do empreendedorismo na educação não precisa também ser exclusivamente vinculado às instituições formais educacionais propriamente ditas, aplica-se por meio dos educadores pais, dos educadores professores, dos educadores líderes, dos educadores comandantes militares, dos educadores eclesiásticos, dos educadores artistas, dos educadores da ciência, educadores dos

povos, enfim, educadores de todos os ambientes de vida e da vida. Por isso que se é indicado fortemente à contextualização do modelo ECE no processo de ensino-aprendizagem. Essa aplicação pode promover a nulidade da pasteurização no ensino brasileiro, oscilante por paradigmas contraditórios, ora por questões de competitividade selvagem e nociva, ora por questões surreais e ingênuas.

11. ANÁLISE DOS TRÊS COMPONENTES

No Brasil e em um contexto internacional, o ensino sobre Empreendedorismo – em Ser Empreendedor, apesar de se já ter, de se tornar estruturado, oficializado e/ou formalizado, não se indica perder o viés e a prática *livre e aberta* do processo ensinar e aprender. Mesmo sabendo-se que há na literatura considerações sobre os perfis empreendedores – de sucesso e de fracasso (GREATTI; PREVIDELLI, 2004), não se pode rotular este ou aquele ser humano como sendo empreendedor e outro não o sendo. Conforme já exposto, pressupõe-se que os potenciais empreendedores estejam em todos os seres humanos, que o conhecimento empreendedor e, de uma forma geral também, isto é, o conhecimento não empreendedor, preexista em estado latente em todos, não são todos que conseguem catalisá-los tornando-os realizações concretas. Dessa forma, entendendo que todo ser humano possui potenciais empreendedores, é também importante considerar que uma boa condução desse processo empreendedor, de catalisar e gerar algo concreto, seja numa organização ou não, resulta em uma nova condição bem *sui generis*: a espiritualização do ser (SILVA, 2012).

Para tanto, é preciso existir o empreendedorismo e a educação:

- Sem classificações – Pois, mesmo elas trazendo o conhecimento podem gerar rótulos e preconceitos.
- Sem definições exclusivas ou únicas – Pois, elas não abarcam a realidade do que é ser empreendedor e do que é educação.
- Sem práticas prescrições e normatizações para práticas empreendedoras e educativas – Pois, elas não fomentam o processo essencial e realmente empreendedor nem tampouco educativo.

Como resultado da análise dos três componentes, este artigo traz em seguida algumas definições finais e vitais que se acoplam no ECE com vistas a essa espiritualização do ser humano.

12. EMPREENDEDORISMO EDUCACIONAL, EDUCADOR EMPREENDEDOR E CONHECIMENTO CRIATIVO

Define-se como o *Empreendedor Educacional* e ao mesmo tempo um *Educador Empreendedor* aqueles que são ou se tornarão os pilares do processo de ensino-aprendizagem, do empreendedorismo na educação formal e/ou informal.

O Empreendedorismo Educacional relaciona-se aos aspectos humanísticos do ser humano, da formação mais resiliente do ser humano ou mesmo da sua espiritualização, podendo ter e fazer humanos, também espiritualizados (LEAL; RÔHR; JÚNIOR, 2010), independente do tipo de empreendimento e projetos de vida. Em âmbito internacional, este Empreendedorismo Educacional, pode

inclusive pertencer às políticas e práticas das economias mundiais através do exemplo e aplicação de suas lideranças e respectivas presidências dos países (STEVENSON; LUNDSTRÖM, 2001, 2002).

A Educação Empreendedora relacionada aos aspectos da criação, criatividade, inovação, do fazer diferente etc. de todas as atividades educativas, formais ou não, mas que se vinculam ao não condicionamento, a não exclusivização de coisas, abordagens, escolas e práticas do ser humano. Esta Educação Empreendedora, como o segundo componente do processo de espiritualização do ser humano, também pode ser contextualizada nas organizações (HARRINGTON; PREZIOSI; GOODEN, 2001), e o espírito empreendedor existentes nas equipes profissionais, lideranças bem como em cada profissional é sua melhor ação educativa em termos corporativos. (HASHIMOTO, 2005).

O Conhecimento Criativo, o terceiro componente da espiritualização do ser humano, é relacionado a todo conhecimento que não apenas significa memorização, processamento, transmissão, recepção, mas aquele que gera de novo ou agrega algo do conhecimento preexistente, que incorpora algo construtivo que pode ser também afetivo – inteligência emocional (GOLEMAN, 2005), não requer um método preconcebido, se é que precisa de método (FEYERABEND, 1977), não precisa trazer uma exatidão (BACHELARD, 1927), traz sempre alguma novidade além da mera informação comunicada ou necessariamente quantificada, transcende o condicionamento e automatismo que os procedimentos considerados técnicos e repetitivos possam produzir ou mesmo atrapalha e engessar.

No contexto organizacional, o ECE evolui para três novas células: EECCEE – Empreendedorismo Educacional (EE), Conhecimento Criativo (CC) e Educação Empreendedora (EE), se alinhando à ética empresarial e à responsabilidade social (ASHLEY, 2006; SROUR, 2000). Sendo assim, o modelo aplicado com essas nomenclaturas e definições - EECCEE, tornando-se mais indicado e propício para todo processo de ensino-aprendizagem é mostrado a seguir:

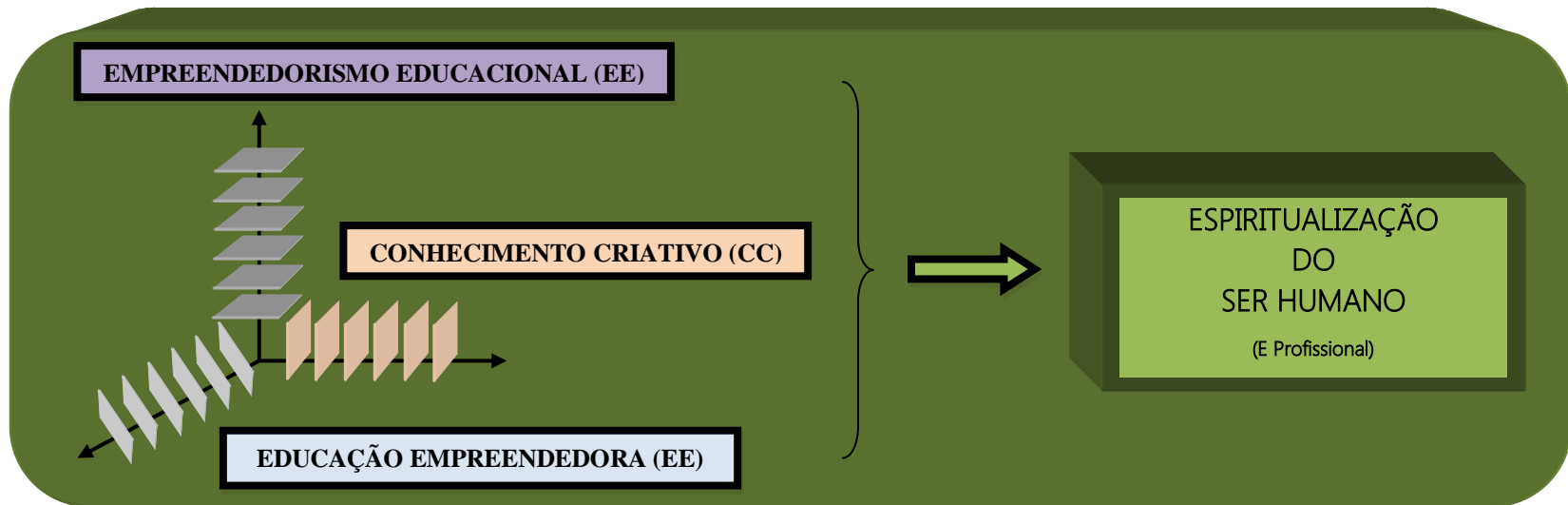


Figura 2 – O Modelo EECCEE e a Espiritualização do Ser Humano.

13. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresenta várias reflexões, sendo uma delas, o entendimento de que resultados a partir de medição e identificação de um valor numérico sobre a espiritualização do ser humano, a espiritualização de um profissional na organização, seja um contrassenso. Aplicar uma metodologia científica para encontrar características dessa espiritualização pode se tornar inclusive contrária e redutora. Além disso, os resultados não refletirão à realidade esperada, pois sua mensuração será pobre tanto no aspecto de construção de um medidor preciso quanto em como será a escolha das unidades e medidas para esse sistema de mensuração. Adicionado a quais critérios para que se entenda que um ser humano está espiritualizado pode gerar uma equação de multicritérios sem solução e sem convergência ou resposta.

O processo de encontro aos resultados, portanto, escapa ao encontro de um valor quantitativo mesmo que estimado. Este artigo pretende exatamente apontar essa limitação natural. Isto é, embora o processo ou caminho do ser empreendedor educacional, incluindo o ser educador empreendedor e a aplicação do conhecimento criativo, possam ser parametrizados, ou quantificados, a partir do modelo criado para esse artigo, jamais poderá culminar num coeficiente global, resultado final ou número médio, mesmo que em bases racionais e a partir de inferências estatísticas, para caracterizar realmente a espiritualização de um ser humano.

Por outro lado, podem-se ter informações associativas, ou alusões sobre a espiritualidade do ser humano nas organizações por meio de, por exemplo, dos indicadores de qualidade, de produtividade, de clima organizacional, do desempenho, de afetividade, ou mesmo de espiritualidade. Neste contexto, é possível criar indicadores com quesitos que dizem respeito à espiritualidade, a esta espiritualização do ser. As características que serão elencadas podem ser contextualizadas nas mais diversas organizações. Por exemplo, nos três componentes ou vetores do EECCEE: Empreendedorismo Educacional, Educação Empreendedora e Conhecimento Criativo, cada um deles pode ser quantificado por um valor atribuído por alguém que esteja fazendo a mensuração a partir de uma característica identificada em um determinado profissional com relação a uma determinada atividade realizada em prol da organização.

No entanto, conforme já explicado, tudo isso ainda se trata de apenas indicadores e não pode ser tratado como algo absoluto para, por exemplo, tomar de decisões em nível executivo organizacional. Por outro lado, esta instrumentação pode servir para o crescimento de um profissional como uma entidade psicobiofísioespiritual gerando mais espiritualidade nas organizações, e usada nos processos de ensino-aprendizagem, mas nunca servir de aparato para fins de classificação ou eliminação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÂNGELO, Eduardo Bom. *Empreendedor corporativo: a nova postura de quem faz a diferença*. Rio de Janeiro: Negócio Editora, 2003.

ANGELONI, Maria Terezinha. *Organizações do conhecimento: infraestrutura, pessoas e tecnologias*. São Paulo: Saraiva, 2002.

ASHLEY, Patrícia Almeida. *Ética e responsabilidade social nos negócios*. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

BACHELARD, G. *Essai sur la connaissance approchée*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1927.

BERDINARDI, Luiz A. *Manual de empreendedorismo e gestão: fundamentos, estratégias e dinâmicas*. São Paula: Atlas, 2003.

BERNARDES C.; MARCONDES, R.C. *Teoria geral da administração: gerenciando organizações*. São Paulo: Saraiva, 2003.

CARDOSO, V. C., MORETO, D., SILVA, L. R. O., Mapeamento de conhecimentos através de uma abordagem por processos como alternativa para a formulação de programas de capacitação. *Artigo Publicado no ENEGEP*, 2001.

CARVALHO, Gilda Maria Rocha de; TAVARES, Márcia da Silva. *Informação & conhecimento: uma abordagem organizacional*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto*. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

- DEGEN, R. *O empreendedor: fundamentos da iniciativa empresarial*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 1989.
- DEMING, W.E. *Qualidade: a revolução da administração*. Rio de Janeiro: Marques-Saraiva, 1990.
- DOLABELA, Fernando. *O segredo de Luisa: uma ideia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa*. 14.ed. São Paulo: Cultura Editores Associados, 2002.
- DOLABELA, Fernando. *Oficina do empreendedor*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.
- DORNELAS, J.C.A. *Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*. Rio de Janeiro: Campus, 2005.
- DRUCKER, P. F. *Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios*. São Paulo: Pioneira, 2005.
- DUTRA, I.S.; PREVIDELLI, J.J. Perfil do Empreendedor versus Mortalidade de Empresas. In: XXVII ENANPAD, Atibaia, SP: 2003.
- ENGEL, G.L. The need for a new medical model: a challenge for biomedicine. *Science*, 1997.
- FANDIÑO, Antonio. *Planejamento para a gestão do conhecimento: a gestão da ignorância*. Rio de Janeiro: 2000.
- FEYERABEND, Paul K. *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A., 1977.

FILION, Louis Jacques. Empreendedores e proprietários de pequenos negócios. *Revista USP – Revista da Administração*, São Paulo, 1999.

FILION, L.J., LUC, D. E FORTIN, P.-A. (2005) *L'essaimage technologique*. Valorisation de la recherche par la création d'entreprises technologiques. Montréal: Presses de l'Université de Montréal (à paraître).

GARDNER, H. *Frames of mind. The theory of Multiple Intelligence*. Basic Books: New York, 1983.

_____. *Intelligence reframed*. Basic Books: New York, 1999.

GARVIN, D. *Gestão do conhecimento: Construção da organização que aprende*. Harvard Business Review. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

GAZ, Ricardo. *Ser Total: absoluto só o ser supremo, mas o ser humano pode ser total*. São Paulo: Escala, 1998.

_____. *Gestão do Conhecimento: Oportunizar verdadeiramente o conhecimento*, 2001. Disponível em < www.kmpress.com.br.

> Acesso em: 10 mar. 2001.

_____. *Gestão do conhecimento IV: sabedoria organizacional*. *Tendências do Trabalho*, Rio de Janeiro: Tama, n. 324, p. 18-21, agosto/2001.

_____. Gestão do conhecimento: a era da luz: A filosofia cabalista como conceito para gestão organizacional. *Tendências do Trabalho*, Rio de Janeiro: Tama, n. 336, p. 10-11, agosto/2002.

_____. *Ser Total*: Reflexões para tornar a organização triunfante, respeitando o ser humano. Rio de Janeiro: Suma Econômica, 2002.

_____. Entrevista. Sou ou não sou empreendedor? Eis a questão. *Revista Tendências do Trabalho*. Edição Maio de 2008.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GIRARD, Gustavo Alfredo. *La espiritualidad: promueve la resiliencia?* Adolescencia y Resiliencia. Buenos Aires: Paidós, 2007, p.139-151.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. *Empreendedorismo no Brasil*: sumário executivo. Curitiba, 2004.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*: a teoria revolucionária que define o que é inteligência. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GREATTI, L; PREVIDELLI, J.J., Perfis empreendedores: análise comparativa das trajetórias de sucesso e do fracasso - empresarial no município de Maringá-Paraná. *Anais do ENANPAD*, 2004.

HARRINGTON, W.J., PREZIOSI, R.C., GOODEN, D. J. Perceptions of workplace spirituality among professionals and executives, *Employee Responsibilities & Rights Journal*, v.13, n.3, p.155-163, 2001.

HASHIMOTO, Marcos. *Espírito empreendedor nas organizações*. Rio de Janeiro: Saraiva, 2005.

HESSEN, J. *Teoria do conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael P. *Empreendedorismo*. 5.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

JUNG, C. G. *A prática da psicoterapia*. Petrópolis: Vozes, 1966.

LEAL, Ana Lúcia; RÔHR, Ferdinand; JÚNIOR, José Policarpo. Resiliência e espiritualidade: algumas implicações para a formação humana. *Conjectura: Filosofia e Educação*, v.15, n.1, pp.11-24, 2010.

MASLOW A. H. *Maslow no gerenciamento*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.

MCCLELLAND, D. C. *The achieving society*. Princeton: Van Nostrand, 1961.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. *Criação do conhecimento na empresa: Como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

POPPER, Karl. *The logic of Scientific Discovery*. New York: Take & Rom, 1965.

PRESSMAN, R. S. *Engenharia de software*. 6.ed. São Paulo: McGrawHill, 2006.

PROBST, Gilbert; RAUB, Steffen; RAMHARDT, Kai. *Gestão do conhecimento: Os elementos construtivos do sucesso*. São Paulo: Bookman, 2002.

RODRIGUEZ, Martius Vicente Rodriguez y. *Gestão do conhecimento*. Rio de Janeiro: IBPI Press, 2001.

RODRIGUEZ, Martius Vicente Rodriguez y. *Gestão empresarial em organizações aprendizes: a arte de gerir mudanças*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007.

SABELLI, H. Carlson-Sabelli. Biological Priority and Psychological Supremacy. *APA Journal*. v.146, 1989.

SALIM, Cesar Simões. *Administração empreendedora: teoria e prática usando estudos de casos*. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

SALIM, Cesar Simões et al. *Construindo planos de negócios: todos os passos necessários para planejar e desenvolver negócios de sucesso*. 3.ed., rev. e atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

SCHREUS, Agneta. *Psicoterapia y espiritualidad: la integración de la dimensión espiritual en la práctica terapéutica*. Ed. desclee de brouwer, sa, Bilbao, 2004.

SILVA, Carlos Rodolfo Nunes Martins da. *A espiritualidade nas organizações: um estudo empírico*. 2012. 115f. Dissertação (Mestrado em Marketing) – FEUC, Coimbra.

SROUR, R. H., *Ética empresarial*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

STEVENSON, L.; LUNDSTRÖM, A. Patterns and Trends in Entrepreneurship/SME Policy and Practice in Ten Economies, v.3 of the Entrepreneurship Policy for the Future Series. Swedish Foundation for Small Business Research, Sweden, 2001.

_____. Beyond the Rhetoric: Defining Entrepreneurship Policy and Its Best Practice Components, v.2 of the Entrepreneurship Policy for the Future Series. Swedish Foundation for Small Business Research, Sweden, 2002.

TIMMONS, J. A. *Creation: Entrepreneurship for the 21st Century*, Irwin Professional Pub, 2006.

TIWANA, Amrit. *The Knowledge Management Toolkit*. Upper Saddle River: Prentice Hall, 2000.

TURBAN, E.; RAINER, JR. R. K.; POTTER, R. E. *Administração de tecnologia de informação: teoria e prática*. 2.ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

URDANETA, I. P. *Gestión de la inteligencia, aprendizaje tecnológico y modernización del trabajo informacional: retos y oportunidades*. Caracas: Universidad Simón Bolívar, 1992.

VERGARA, C. S. *Projetos e relatórios de pesquisa em Administração*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2004.

VON FRANZ, M. L. O processo de individuação. In: JUNG, C. G. (org). *O homem e seus símbolos*. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

YOGANANDA, P. *A sabedoria de Yogananda: a essência da autorrealização*. 3.ed. Pensamento-Cultrix, 2012.